

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: OS DESCRIPTIVE TRANSLATION STUDIES — DTS (ESTUDOS DESCRITIVOS DA TRADUÇÃO)

O conceito de pseudotradução encontra respaldo na abordagem teórica conhecida como Descriptive Translation Studies — DTS (Estudos Descritivos da Tradução), que se dedica a estudar tudo que seja apresentado e recebido como tradução, independentemente da existência de um original. Enquanto a abordagem tradicional e normativa sequer consideraria as traduções fictícias dignas de registro, a descritivista não apenas reconhece a existência desse objeto de estudo diferenciado como incentiva a sua análise. Afinal, conforme dito no capítulo 2, as pseudotraduções podem constituir excelente material de pesquisa sobre os recursos textuais e os procedimentos relacionados à atividade tradutória mais empregados numa determinada época. Para esclarecer os fundamentos dos DTS, torna-se necessário uma breve explanação sobre sua origem e desenvolvimento.¹

3.1

Desenvolvimento dos DTS

James Holmes, o estudioso que cunhou a expressão Estudos da Tradução, definiu os DTS como um dos dois ramos dessa disciplina (o outro é o dos estudos teóricos). Segundo ele, o objetivo dos DTS consiste em “descrever a atividade tradutória e o produto da tradução conforme elas se manifestam no mundo da experiência” (Holmes, apud Shuttleworth, 1988e: 71). As palavras de Holmes tiveram grande repercussão em alguns círculos e levaram a uma “considerável ampliação do horizonte de pesquisa, visto que todo fenômeno relacionado à tradução tornou-se objeto de estudo” (Hermans, 1985:14). Assim, os DTS consideram relevante todo texto apresentado ou entendido como tradução pela

¹ Para uma discussão mais ampla dos DTS ver: Alfaro (2005), Martins (1999 e 2003), Gentzler (1993), Vieira (1996), Milton (1993)

cultura de chegada, mesmo que não preencha os requisitos que caracterizem uma no sentido estrito (Holmes, apud Shuttleworth, 1997: 39).

Grande parte dos descritivistas egressou da literatura comparada. Envolvidos com questões de semântica e pragmática encontradas nas obras traduzidas, esses pesquisadores buscaram na década de 1970 “estabelecer um novo paradigma para o estudo da tradução literária, com base numa teoria abrangente e uma pesquisa prática contínua” (Hermans, 1985: 10). Dentre os nomes relacionados aos DTS, o do teórico israelense Gideon Toury talvez seja o mais conhecido, visto que foi ele quem mais desenvolveu essa noção. Toury baseou-se na teoria dos polissistemas, desenvolvida pelo também israelense Itamar Even-Zohar para explicar o comportamento e a evolução dos sistemas literários (Baker, 1998: 176). Para entender o paradigma descritivista, portanto, é fundamental conhecer primeiro as idéias desenvolvidas por Even-Zohar, cuja síntese encontra-se sobretudo no texto “Polysystem Studies”, publicado no volume nº 11 do periódico *Poetics Today* (1990), onde o teórico retoma e expande idéias desenvolvidas especialmente a partir de 1978.

3.2

Teoria dos polissistemas

Even-Zohar desenvolveu seu modelo em meados da década de 1970, visando elaborar uma base teórica capaz de explicar as particularidades da história da literatura israelense e das traduções literárias realizadas nessa cultura, as quais foram empreendidas sobretudo para enriquecer a nascente literatura de Israel. Para tanto, o pesquisador tomou como base as idéias dos formalistas russos envolvidos com a historiografia literária (Baker, 1998: 176).

A principal contribuição dos formalistas para o trabalho de Even-Zohar foi o conceito de *sistema*, desenvolvido por Iuri Tinianov (1929) para designar uma estrutura formada por várias camadas de elementos que se relacionam e interagem entre si. Trata-se de um conceito flexível o bastante para ser aplicado a vários fenômenos, sob as mais diversas situações. No caso da literatura, Tinianov utilizava-o para analisar não apenas obras literárias, mas gêneros, tradições

literárias e a própria ordem social como sistemas, ou mesmo subsistemas de sistemas. Com o tempo, Tinianov passou a ver o processo da evolução literária como uma mutação de sistemas (Baker, 1998: 176).

Com base nessa noção sistêmica proposta por Tinianov, Even-Zohar elaborou a teoria dos polissistemas. Em linhas gerais, essa teoria concebe determinada cultura como um grande sistema, internamente composto por subsistemas — daí o nome polissistema — e que se relaciona com outros sistemas paralelos. Dentro do polissistema de uma cultura figura, por exemplo, o sistema literário que, por sua vez, abriga o da literatura traduzida.

Even-Zohar concebeu seu polissistema como um aglomerado heterogêneo e hierarquizado de subsistemas que interagem e, por conseguinte, acarretam uma evolução constante no interior do sistema inteiro. Tal idéia se torna mais clara quando se toma como exemplo o polissistema literário de um país. Este pode ser considerado um sistema que integra outro maior, como o sociocultural, que, por sua vez, abrange outros menores além do literário como o artístico, religioso ou político. Cabe também frisar que, ao ser inserida num contexto sociocultural mais amplo, a literatura passa a ser vista não apenas como mera coletânea de textos, mas como um conjunto de fatores que governam a produção, difusão e recepção desses textos (Baker, 1998: 176).

Um aspecto central na teoria de Even-Zohar é a noção de que os vários estratos e subdivisões que compõem um polissistema estão sempre competindo entre si para ocupar a posição dominante no centro. Assim, no caso do polissistema literário, há uma tensão permanente entre o *centro* e a *periferia* em que os diversos gêneros literários (incluindo tanto as formas canônicas quanto as não-canônicas) disputam o lugar central. Por conseguinte, o polissistema literário compõe-se não apenas de obras-primas e outros títulos ou padrões literários reconhecidos, mas também gêneros de menor prestígio como a literatura infantil, popular, panfletária e traduzida, os quais em geral não eram incluídos nos estudos literários tradicionais (p. 177).

Vale destacar que, embora as ditas “formas menores” ou menos valorizadas tendem a ocupar a periferia do polissistema, o estímulo que elas conferem às canonizadas e de maior prestígio localizadas no centro constitui um dos principais fatores para a evolução do polissistema. Na visão de Even-Zohar, a evolução literária é uma “conseqüência da inevitável competição gerada pelo estado de

heterogeindade [do polissistema]” (Even-Zohar, 1990: 91). Outro efeito dessa disputa pelo centro é a tensão entre princípios literários *primários* (inovadores) e *secundários* (conservadores). Após uma forma primária chegar ao centro e adquirir status canônico por manter-se nessa posição por algum tempo, ela passa a ser vista como uma fórmula consagrada. Seus adeptos, inicialmente inovadores, adotam então uma postura conservadora, mostrando-se refratários a idéias literárias novas. No entanto, esses modelos textuais inevitavelmente acabam por sucumbir a modelos novos, que irão desalojar os antigos da sua situação privilegiada no centro. Tal processo se repetirá indefinidamente, assegurando o caráter dinâmico e em constante mutação do polissistema (p.177).

3.3

O polissistema e a literatura traduzida

Ao realizar seu trabalho, Even-Zohar abriu espaço para uma discussão sobre o papel e a importância da literatura traduzida num dado polissistema. Num primeiro momento, parece óbvio que as traduções ocuparão sempre uma posição periférica, mas, segundo Even-Zohar, há três situações em que obras traduzidas podem assumir uma posição central e, assim, exercer um papel mais influente no polissistema literário (Even-Zohar, 1990: 47):

- (i) quando uma literatura “jovem”, em fase de desenvolvimento, utiliza modelos antigos, encontrados na literatura traduzida, como critério de referência;
- (ii) quando a literatura nacional de um país ou região se revela fraca e acaba obscurecida por outra maior;
- (iii) quando a literatura nacional enfrenta uma crise ou momento decisivo, e os modelos antigos deixam de ter apelo e geram um vácuo no sistema literário, possibilitando a introdução de novos modelos pela via tradução (Ibid) .

O primeiro caso ocorreu de forma clara com as literaturas israelense e tcheca do século XIX. Em ambas as situações, a tradução permitiu que a literatura nascente desenvolvesse os mais variados modelos textuais. Como a literatura

jovem não pode criar todas as formas e gêneros, os textos traduzidos podem se tornar os mais importantes e influentes por determinado tempo. O mesmo princípio se aplica ao segundo caso. De acordo com Even-Zohar, uma literatura fraca de um país menor, como os Países Baixos, não consegue produzir todos os gêneros de uma literatura maior e mais forte. Daí sua incapacidade de gerar novidades e conseqüente dependência em relação a traduções, as quais introduzem modelos conhecidos em outras culturas. Em situações como essa, textos traduzidos servem não apenas como meio para importação de idéias, mas como exemplos a serem imitados pelos escritores daquela língua. O terceiro caso pôde ser observado com a literatura americana da década de 1960. Os modelos literários consagrados não estimulavam mais as novas gerações de escritores, que passaram a buscar novas idéias e formas. Sob tais circunstâncias, tanto escritores conhecidos, que adotam estratégias convencionais, como os mais ousados e *avant-garde* assinam traduções, e, por meio desses textos, introduzem novos elementos num sistema literário (Gentzler, 1993: 117-8).

Se a literatura traduzida de um polissistema não se encaixa em nenhuma das três situações descritas anteriormente, ela poderá contribuir para a manutenção de modelos tradicionais ou até antiquados (Baker, 1998: 178). No entanto, como bem observou o teórico Edwin Gentzler, alguns polissistemas fortes como o francês ou o anglo-americano, com sua sólida tradição literária e diversidade de escrita, podem prescindir das obras traduzidas como fonte de inspiração; são capazes de gerar novas idéias e fórmulas sem auxílio delas. Nesses casos, a literatura traduzida fica relegada a uma posição periférica e desfruta uma importância secundária (Gentzler, 1993: 118).

Seja como for, uma vez estabelecido que o papel da literatura traduzida pode servir para ou reforçar padrões existentes ou introduzir elementos novos, chega-se a uma importante conclusão: a posição ocupada pela literatura traduzida no polissistema em geral estabelece diretrizes para a prática da atividade tradutória numa cultura. (Baker, 1998: 178). Nas palavras do próprio Even-Zohar, “a tradução não é mais um fenômeno cuja natureza e cujas fronteiras são dadas de uma vez por todas, mas uma atividade que depende das relações dentro de um determinado sistema cultural” (Even-Zohar, 1990: 51).

Essa constatação de Even-Zohar contribuiu para ampliar a própria noção de tradução. Antigas definições baseavam-se quase que exclusivamente em fórmulas.

Assim, textos que não seguiam essas determinações muitas vezes não recebiam o nome de traduções e sim de “imitações”, “adaptações” ou “versões”. O trabalho de Even-Zohar ajudou a mostrar que os parâmetros usados para orientar a prática tradutória numa dada cultura são ditados pelos modelos em operação da língua de chegada. Essa abordagem não-prescritiva gerou desdobramentos interessantes (Baker, 1998: 178).

Para começar, pesquisadores começaram a achar mais vantajoso encarar a tradução como uma instância específica de um fenômeno mais geral de transferência inter-sistêmica. Essa visão permite examinar a tradução dentro de um contexto maior, mas sem deixar de reconhecer a existência de características peculiares da tradução, sempre tendo como pano de fundo esse contexto ampliado. A partir daí, estudiosos viram que, em vez de restringir as discussões a uma noção subjetiva sobre a *equivalência* que existe entre o texto-fonte e o texto-alvo, poderiam concentrar seus estudos no texto traduzido por considerá-lo um legítimo integrante do polissistema-alvo. Essa abordagem voltada para o pólo receptor (*target oriented*) foi empreendida em grande parte por Gideon Toury e resultou num grande volume de trabalho descritivo sobre a natureza do texto-alvo, ou seja, o produto da tradução. Toury procurou investigar as características que distinguem um texto traduzido de outros, produzidos no interior de um determinado polissistema. Outra consequência significativa das idéias de Even-Zohar foi que os textos traduzidos deixaram de ser considerados fenômenos isolados e passaram a ser vistos como decorrência de procedimentos gerais, determinados pelo polissistema-alvo. Esse ponto também foi fundamental para os estudos de Toury (Baker, 1998: 178).

Por fim, o trabalho de Even-Zohar também serviu para mostrar a natureza temporal de pressupostos estéticos, visto que examinava traduções à luz de um contexto sociológico mais amplo. Suas reflexões foram úteis tanto para a teoria da tradução como para a teoria literária, visto que mostrou a importância da tradução no contexto maior dos estudos literários e na evolução da cultura em geral (Gentzler, 1993: 121).

Assim como vários outros teóricos, pesquisadores da área dos Estudos da Tradução costumavam analisar relações biunívocas e noções funcionais de equivalência; eles acreditavam na capacidade subjetiva do tradutor de obter um texto equivalente que, por sua vez, influenciaria as convenções culturais e literárias de uma dada sociedade.

Os adeptos dos polissistemas pensam o contrário. Acreditam que as normas sociais e as convenções literárias da cultura de chegada (sistema-meta) governam os pressupostos estéticos do tradutor e, portanto, exercem influência sobre as decisões tradutórias (Gentzler, 1993: 107).

3.4

Toury e o desenvolvimento dos DTS

Toury trabalhava com Even-Zohar em Tel Aviv e reconhece que foi muito influenciado pela teoria do colega. Após dedicar-se ao estudo das condições socioculturais que determinavam a tradução de obras estrangeiras para o hebraico, ele voltou-se para a elaboração de uma teoria mais ampla sobre a tradução. Em 1980, Toury publicou o livro *In search of a theory of translation*, no qual estabeleceu os principais pressupostos, conceitos e objetivos dos DTS. Assim como Even-Zohar, Toury publicou várias versões revistas e atualizadas dos seus textos ao longo da década de 1990. Em 1995 lançou *Descriptive translation studies and beyond*, livro no qual ressalta a necessidade de desenvolver um ramo descritivo para os Estudos da Tradução, como já havia sido proposto por Holmes (1988) (Munday, 2001: 112).

Na visão de Toury, “nenhuma ciência empírica pode se julgar completa e desfrutar de (relativa) autonomia se não tiver um *ramo descritivo adequado*” (Toury, 1995a: 1, ênfase no original), fundamentado em pressupostos bem definidos e dotado de metodologia e técnicas de pesquisa explícitas (p. 3).

3.5

O foco no sistema-alvo

Ao se basear na teoria de Even-Zohar, Toury adotou uma visão sistêmica da tradução e passou a vê-la como inserida no sistema maior de uma determinada cultura. Sua postura contrastava de modo radical com o procedimento adotado até a década de 1970, que consistia em estudar a tradução sempre a partir do texto original. Segundo suas próprias palavras, naquela época, “essa abordagem voltada

para o estudo das traduções e da atividade tradutória dentro dos seus contextos imediatos era considerado um absurdo e o seu iniciador, um *enfant terrible*” (Toury, 1995b:136). Para o teórico, “as traduções são fatos de um único sistema: o sistema-alvo” (Toury, apud Shuttleworth, 1997: 39).

Em sua dissertação de mestrado, Carolina Alfaro (2005) explica que, para Toury, a cultura-alvo em geral determina a necessidade da tradução. Assim, textos traduzidos são produzidos para ocupar um lugar ou preencher algum vazio nesse sistema. Mesmo quando uma cultura cujo idioma seja pouco falado fora de suas fronteiras procure traduzir suas obras nacionais para fins de difusão internacional, a tradução só funcionará como tal se o sistema-alvo lhe atribuir esse uso. Logo, só será possível constatar que um texto recebe o tratamento de tradução a partir da cultura-alvo (p.41). Isso não significa, de modo algum, excluir o texto e a cultura de partida; há apenas uma inversão de prioridades e do ponto de partida das pesquisas.

Vale destacar que, apesar de defender o foco da pesquisa no sistema-alvo, Toury discordou da tese proposta por James Holmes em 1988 segundo a qual os DTS se dividem em três áreas separadas: uma voltada para a função (*function-oriented*), outra, para o processo (*process-oriented*) e outra, para o produto (*product-oriented*). Na visão do pesquisador israelense, as três abordagens são interdependentes. No entanto, ele atribui maior importância à função do que ao processo, visto que é o propósito da tradução que define as características do produto, características essas que, por sua vez, determinam os procedimentos adotados pelo tradutor durante seu trabalho (Shuttleworth, 1997: 9).

Em sua tese de doutorado, Marcia Martins (1999) explica que, a partir da formulação do paradigma descritivista, as tradicionais preocupações essencialistas como “o que é uma tradução” ou “qual é, afinal, a diferença entre tradução e adaptação” cedem lugar a uma visão funcionalista. Segundo Martins, adeptos desse modelo teórico procuram “explicar as estratégias textuais que determinam a forma final de uma tradução e o modo como esta funciona na literatura receptora” (p. 32). Além disso, os descritivistas investigam as possíveis razões que levaram o tradutor a adotar certas estratégias e ainda consideram o contexto sócio-histórico para obter uma melhor compreensão dos mecanismos que permitem às traduções funcionarem na cultura de recepção. Para esses estudiosos, o importante é “determinar o lugar que uma tradução ocupa dentro do sistema literário da língua-

meta, e não mais verificar até que ponto o texto traduzido conseguiu refletir o chamado original” (p. 32).

No paradigma descritivista, o estudioso procura considerar todos os elementos que concorrem para a natureza de uma tradução. Assim, realiza análises de diversas traduções de determinado período e examina o desenvolvimento histórico da tradução e suas funções culturais em uma determinada sociedade, bem como a influência do mercado editorial na produção e disseminação de obras traduzidas. Trata-se de uma tentativa de determinar os vários fatores que contribuíram para criar produtos específicos. Para o estudioso, o importante é determinar o lugar que uma tradução ocupa dentro do sistema literário da língua-meta, e não até que ponto o tradutor captou a “essência” do texto, que conseguiu refletir o chamado original — um julgamento de valor a partir de parâmetros absolutos e supostamente gerais. Na abordagem descritivista, há um interesse em descobrir as circunstâncias que levam um tradutor a reproduzir um padrão estético existente na sua cultura de origem ou, ao contrário, a rejeitá-lo e a introduzir um novo modelo inspirado no texto-fonte (Martins, 1999: 32).

Adeptos da linha DTS mostram-se interessados sobretudo em tecer análises sobre *em que consiste* o comportamento tradutório em vez de determinar *em que deveria consistir*. No entanto, esses estudiosos não baseiam esse trabalho numa seleção aleatória de generalizações, e sim de generalizações aplicáveis a uma classe ou subclasse aplicável particular de fenômenos e passíveis de testes intersubjetivos (Toury, 1995a: 3). Nesse caso, a noção de normas elaborada por Toury constitui justamente esse aparato necessário para a formulação de afirmações verificáveis e não randômicas sobre o comportamento tradutório e o produto da tradução (Shuttleworth, 1998: 163). Além disso, os pesquisadores descritivistas se baseiam na suposição de que traduzir é uma atividade orientada por normas culturais e históricas. Conforme Martins explica em sua tese de doutorado: “a própria escolha dos textos a serem traduzidos, as decisões interpretativas tomadas durante o processo tradutório, e a divulgação, a recepção e a avaliação das traduções são fatores consideravelmente influenciados pelos distintos contextos socioculturais observados em determinados momentos históricos” (Martins, 1999: 31).

Torna-se necessário esclarecer que os DTS não se limitam a descrever situações — idéia esta surgida a partir da afirmação segundo a qual o pesquisador

não deve emitir julgamentos de valor sobre os casos estudados. De acordo com Toury, o objetivo desse paradigma teórico consiste em fornecer *explicações* sobre a produção e a recepção das traduções em diferentes épocas e culturas. Nas palavras do próprio Toury: “meus esforços têm sido direcionados sobretudo para a *descrição* e a *explicação* de tudo que tenha sido considerado tradução por determinadas culturas-alvo, com o objetivo final de formular uma série de leis inter-relacionadas de natureza probabilística em conformidade com seus fatores condicionantes” (Toury, 1995b: 136, grifos do autor). Tais idéias levaram-no a elaborar um conceito-chave no paradigma descritivista, o de tradução presumida (*assumed translation*).

3.6

Tradução presumida

Da mesma forma que o colega israelense, Toury não tinha uma concepção pré-definida do que fosse tradução, pois desejava estudar todo e qualquer objeto entendido como tal por dada cultura. Desde o início rejeitava conceitos pré-definidos de tradução, pois acreditava que tal medida imobilizava algo variável pela sua própria essência, conforme explica na passagem abaixo:

Portanto, qualquer definição *a priori*, especialmente se formulada em termos essencialistas, que supostamente especifique o que é “inerentemente” tradutório, envolveria uma pretensão insustentável de fixar de uma vez por todas as fronteiras de um objeto que — culturalmente falando — se caracteriza justamente pela sua *variabilidade*: diferença entre culturas, variação dentro de uma cultura e transformação ao longo do tempo (Toury, 1995b: 141).

Para Toury, rótulos como “adaptação” ou “imitação” servem apenas para excluir determinados textos do âmbito da pesquisa, visto que estes em geral não se ajustam a uma noção preconcebida do que seja tradução. O pesquisador propõe então um conceito mais amplo do que se supõe ser uma tradução definindo-a como um conjunto inter-relacionado de pelo menos três postulados básicos:

- (i) O postulado do texto-fonte (*source-text postulate*) — pressupõe a existência de outro texto, proveniente de outra língua/cultura, e que seja anterior à obra classificada como tradução na língua-fonte.
- (ii) O postulado da transferência (*transfer postulate*) — pressupõe que o processo que gerou a tradução envolveu a transferência de determinadas características do suposto texto-fonte, as quais os dois agora compartilham.
- (iii) O postulado da relação (*relationship postulate*) — pressupõe que existam relações passíveis de verificação que liguem a tradução ao suposto original (Toury, 1995b: 143-4)

Textos que atendessem aos três postulados acima seriam automaticamente vistos como tradução. Corresponderiam então ao que Toury chamou de tradução presumida (*assumed translation*). De acordo com suas próprias palavras, trata-se de

qualquer texto da cultura-alvo em relação ao qual existem razões para que se tente postular a existência de outro texto, em outra cultura e língua, do qual ele foi presumivelmente derivado por meio de operações e transferências e ao qual ele agora está ligado por meio de determinadas relações, algumas das quais podem ser vistas — dentro daquela cultura — como necessárias e/ou suficientes (p.145).

Como bem destacou Alfaro (2005), embora os três postulados citados possam ser verificados por meio de comparações entre o texto-fonte e o original, a comprovação ou não da sua veracidade não influi no uso que a comunidade em questão faz do texto e nem na condição de tradução que este carrega. Há casos como os do *The Kasidah of Hajj Abdú El-Yezdí*, de Richard Burton, e do *Morte Darthur*, de Thomas Mallory, que foram relatados no capítulo 2 deste trabalho, em que é impossível ter acesso ao texto original, ou em que uma tradução decorre de vários originais diferentes. A maioria dos consumidores de textos traduzidos, porém, sequer se preocuparia em verificar se essas ou outras obras atendem aos postulados do que constitui uma tradução. Simplesmente aceitariam o que lhes fosse oferecido, sem maiores questionamentos.

Nas palavras do próprio Toury, “quando se oferece um texto como tradução, ele é imediatamente aceito como tal de boa fé, sem mais perguntas” (Toury, 1995b: 137). Segundo o pesquisador, tal fato explica por que tantas traduções

fictícias conseguiram passar por genuínas ao longo da história. E quando uma comunidade supõe que um texto seja uma tradução, este pode ser incluído no âmbito dos Estudos da Tradução como objeto de estudo legítimo. De acordo com Toury, o que está em questão “não é o que uma tradução em princípio *pode ser*, mas o que ela se revela na *realidade* e, por conseguinte, o que se poderá esperar dela sob condições específicas e variadas” (p. 142).

Um pesquisador alinhado com o paradigma descritivista, portanto, procura investigar a concepção de tradução de cada cultura, sua dinâmica, sua história, seus produtos, os processos responsáveis pela geração desses produtos e as estratégias, os objetivos e as coerções que os geram. Tal pesquisa se baseia em grande parte no conceito de normas (*norms*) desenvolvido por Toury no final da década de 1970 e que constitui um dos pilares de sua teoria.

3.7

Conceito de normas

Toury define norma como “a tradução de idéias e valores gerais compartilhados por uma comunidade com respeito ao que é certo e errado, adequado ou inadequado, em instruções de desempenho apropriadas e aplicáveis a situações específicas” (Toury, 1995a: 55). Ou seja, trata-se de coerções socioculturais específicas de uma cultura, sociedade e época. O indivíduo internaliza essas normas por meio dos processos de educação e socialização (Munday, 2001: 113). Em termos de gradação, Toury situa as normas entre as regras (espécie de normas mais explícitas e objetivas) e as idiossincrasias (espécie de normas mais difusas e subjetivas) (Toury, 1995a: 54).

O teórico israelense considera a tradução uma atividade regida por normas e essas normas, por sua vez, “determinam o tipo e a extensão da equivalência manifestada em traduções reais” (p. 61). Tal afirmação confere certa ambigüidade ao termo “norma” e pode levar um leitor a pensar que se trata de um conjunto de especificações prescritivas. Na verdade, “norma”, na concepção de Toury, refere-se a uma categoria de análise descritiva dos padrões de comportamento adotados em todo processo da tradução. De acordo com a teórica Mona Baker, essas

normas às quais Toury se refere são “opções que os pesquisadores de determinado contexto sócio-histórico selecionam comumente” (Baker, apud Munday, 2001: 113) e, ao que tudo indica, exercem pressão e desempenham algum tipo de função prescritiva (Munday, 2001: 113).

A noção de norma pressupõe que o tradutor se vê sempre diante da necessidade de tomar decisões. Afinal, conforme afirma Toury, esse profissional não se limita apenas a transferir frases de uma língua para outra. Ele desempenha um papel social; exerce uma função determinada pela comunidade e precisa fazê-lo da maneira estabelecida por esse grupo. Para um tradutor ser bem aceito numa dada comunidade, ele precisa observar as normas tradutórias vigentes nesse meio (Baker, 1998: 164).

Os estudiosos identificam normas comportamentais de tradução por meio do estudo de corpora de traduções. Com base nisso, identificam padrões regulares de tradução e estratégias escolhidas pelos tradutores que compõem aquele material (p. 165). Em seus estudos de casos de traduções para o hebraico, por exemplo, Toury procurou identificar padrões de comportamento tradutório e fazer generalizações acerca dos processos de tomadas de decisões do tradutor para depois “reconstruir” as normas que foram utilizadas na tradução e traçar hipóteses que pudessem ser testadas por estudos descritivistas futuros. O teórico israelense também acredita ser possível identificar normas predominantes de determinada cultura e período por meio do exame dos textos traduzidos e das declarações feitas por tradutores, revisores, editores e outros participantes do processo tradutório (Munday, 2001: 113).

Toury relaciona três tipos de normas de tradução: preliminares (*preliminary norms*), iniciais (*initial norms*) e operacionais (*operational norms*). Convém entender bem essas três categorias.

- Normas preliminares — Dizem respeito à natureza e política de tradução empregada. Em outras palavras, aplicam-se à seleção de textos e aos autores a serem traduzidos, bem como à estratégia global para a realização e inserção das traduções no sistema-alvo. Tais decisões em geral não são tomadas pelo tradutor mas pelos editores e instituições envolvidos no processo. Estes também definem se a

tradução será direta ou indireta (do chinês para português ou do chinês via inglês para o português, por exemplo) (Baker, 1998: 164).

- Normas iniciais — Envolvem as decisões básicas tomadas pelo tradutor quanto a tornar a tradução *adequada* (quando reproduzidas as normas, tanto lingüísticas como textuais, do texto de partida) ou *aceitável* (quando há uma aproximação maior em relação às normas da cultura de chegada) (p.164). Vale frisar que os dois pólos — adequação e aceitabilidade — não são excludentes; o tradutor pode adotar uma solução intermediária e fazer uma combinação de normas. Este foi o caso da tradução de *Hamlet* por Tristão da Cunha. Embora o profissional tenha utilizado um português seiscentista, o que configura uma estratégia com caráter de adequação, ele preferiu recorrer à prosa, o que evidencia uma estratégia voltada para a aceitabilidade, levando-se em conta a época em que a tradução foi publicada (1993) (Martins, 1999: 58).
- Normas operacionais — Referem-se às decisões tomadas durante o processo tradutório e dividem-se, por sua vez, em duas categorias:
 - (a) Matriciais — Determinam os acréscimos, omissões, alterações e segmentações feitos em relação ao texto de partida.
 - (b) Textuais — Revelam opções lingüísticas e estilísticas (Munday, 2001: 114).

No modelo desenvolvido por Toury, as normas iniciais se situam no topo da hierarquia, visto que, se forem consistentes, acabam por influenciar todas as outras decisões tradutórias. Já as normas operacionais decorrem da posição central ou periférica ocupada pela literatura traduzida no polissistema da cultura alvo. (Gentzler, 1993: 130).

A formulação do conceito de normas por Toury acabou por redefinir outro de suma importância nos Estudos da Tradução, o de equivalência (*equivalence*). Tradicionalmente prescritivo, a noção de equivalência ganha uma dimensão de historicidade no modelo do teórico israelense. Em vez de se referir apenas à relação entre o texto de partida e o de chegada, passa a designar toda relação que tenha caracterizado uma tradução num dado contexto. Ou seja, o conceito de equivalência adquire um caráter *funcional e relacional*; deixa de ser um fim em si

mesmo para tornar-se uma conseqüência (fruto da confiança que o leitor da tradução tem no tradutor). Caberá ao estudioso compreender, na cultura e no contexto analisados, que normas tiveram de ser atendidas para que um texto fosse aceito como equivalente a outro (Martins, 1999: 60).

O teórico Edwin Gentzler sintetizou muito bem a ligação entre a teoria dos polissistemas e o paradigma desenvolvido por Toury:

A teoria dos polissistemas informa o modelo de Toury. Em termos de normas iniciais, a atitude do tradutor com relação ao texto-fonte é afetada pela posição do texto no sistema poliliterário da cultura-fonte. Em termos de normas operacionais, todas as decisões são influenciadas pela posição — central ou periférica — assumida pela literatura traduzida no polissistema da cultura-fonte (Gentzler, 1993: 130-1).

3.8

Relevância e aplicação dos DTS

Segundo Gentzler (1993), os Estudos da Tradução adotaram a parte da teoria de Toury que focaliza as normas socioliterárias que governam a cultura-meta e influenciam diretamente o processo tradutório. Vários aspectos da teoria de Toury contribuíram para o desenvolvimento dessa área de estudo: (1) o abandono de noções unilaterais de correspondência e da possibilidade de dois textos serem lingüisticamente equivalentes e/ou literariamente equivalentes; (2) a participação de tendências literárias no interior do sistema cultural-meta na produção do texto traduzido; (3) a desestabilização da noção de uma mensagem com uma identidade fixa; (4) a integração dos textos original e traduzido na rede semiótica de sistemas culturais que se cruzam (133-4).

Um dos pontos mais atraentes da abordagem descritivista é o firme compromisso de examinar todas as circunstâncias que contribuíram para que uma tradução assumisse determinada forma. Apesar de muito mais trabalhoso do que simplesmente apontar o dedo e condenar, tal atitude permite elaborar um panorama muito mais rico e justo da situação para que posteriormente sejam levantadas críticas. Além disso, a abordagem dos DTS autoriza e viabiliza o estudo de fenômenos como o da pseudotradução, tema desta dissertação, visto que se interessa em saber como e por que um dado texto circulou como tradução quando na verdade não havia um texto de partida disponível. Tal fenômeno será

discutido nos capítulos seguintes deste trabalho, que analisa o caso de um texto implicitamente apresentado como tradução.